Wagner Uarpêik

NOMADEIA

JORNADA DE 994 DIAS PELA AMÉRICA DO SUL E CARIBE

ESPREITA Offset Editora

2022

"Existe no mundo um único caminho por onde só tu podes passar. Aonde leva? Não perguntes, segue-o!"

[Friedrich Nietzsche]

"Meu bem, o mundo inteiro está
naquela estrada ali em frente
Tome um refrigerante,
coma um cachorro-quente
Sim, já é outra viagem
E o meu coração selvagem
Tem essa pressa de viver"

[Belchior]

"Mas não precisamos saber pra onde vamos
Nós só precisamos ir
Não queremos ter o que não temos
Nós só queremos viver
Sem motivos, nem objetivos
Estamos vivos e isto é tudo
É sobretudo a lei
Da infinita highway"

[Humberto Gessinger]

Apresentação **[15]**

Notas [22]

O Espírito da Grande Viagem **[25]**

Parte 1 [27]
Parte 2 [28]
Parte 3 [34]

Retiro na Ilha da Águia **[39]**

Parte 1 [41]
Parte 2 [50]
Parte 3 [52]
Parte 4 [58]
Parte 5 [63]

O Caminho do Sul **[69]**

Parte 1 [71]
Parte 2 [77]
Parte 3 [79]
Parte 4 [84]
Parte 5 [88]

O Caminho do Oeste **[97]**

Parte 1 [99]
Parte 2 [104]

Caprichos Santiaguinos **[121]**

Parte 1 [123]
Parte 2 [124]
Parte 3 [126]
Parte 4 [128]
Parte 5 [133]
Parte 6 [139]
Parte 7 [140]

O Caminho do Norte **[143]**

Parte 1 [145]
Parte 2 [154]
Parte 3 [156]
Parte 4 [161]
Parte 5 [168]
Parte 6 [175]
Parte 7 [183]
Parte 8 [189]
Parte 9 [191]
Parte 10 [202]
Parte 11 [216]

Orbitações Locombianas **[219]**

Parte 1 [221]
Parte 2 [226]
Parte 3 [229]
Parte 4 [239]
Parte 5 [245]

Temporada com os Índios Kantuar-Shuar **[259]**

Prelúdio [261]
Antecedentes [262]
Breve síntese historiográfica sobre o povo Shuar [268]
Entrevista com os Shuar de Tawasap' [272]
O Nateemamu em Arutam Mura [283]
Estudos na Universidade das Ciências Ancestrais [297]

A fera mais perigosa *[303]*
Fazer direito *[304]*
Mãos com sangue, e coração de diamante *[304]*
Nateem, religião e comércio *[306]*

Honrar os mais velhos *[307]*
Magia, xamanismo e polimorfismo *[307]*
Visões do segundo degrau de nateem *[309]*
Natureza como oráculo *[311]*
Teoria vs prática, e o futuro da humanidade *[311]*
Medicina e feitiçaria *[311]*
Comida, conselhos e cigarros *[312]*
Liberdade real *[313]*
Soberania de espírito *[313]*
Visões do terceiro degrau de nateem *[314]*
Política, verdade e inimigos *[316]*
Tempos de fome *[318]*
Monogamia, poligamia, poliandria, cosmologia, e outros dramas sexuais *[318]*
Matrimônios caseiros e namoros forasteiros *[325]*
Macho é macho, fêmea é fêmea *[325]*
A fauna oculta *[325]*
Homens-estrelas *[326]*
Violência, coragem e perdão *[326]*
Medo e liberdade *[327]*
O amuleto da onça *[329]*
Despedidas [329]

O Caminho do Leste **[333]**

Parte 1 [335]
Parte 2 [338]
Parte 3 [341]
Parte 4 [343]
Parte 5 [345]
Parte 6 [353]

Notas **[357]**

Sobre o autor **[363]**

Apresentação

Perambulei cerca de 2 anos e 8 meses pela América do Sul, e sul do Caribe. De agosto de 2008, a março de 2011. O primeiro itinerário passou por Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Uruguai, Argentina, Chile, Peru, Bolívia, Equador, Colômbia, e Venezuela. O aninhamento em Medelim incluiu viagens por Colômbia, Argentina, Venezuela, e Trindade e Tobago, arquipélago centro-americano. Desaninhado de Medelim, antes de regressar a Natal, Rio Grande do Norte, estive no Equador, Chile e São Paulo.

A maior parte dos trajetos ocorreu por meio de ônibus pagos e caronas. Com exceção de poucos voos e navegações, o caminho foi percorrido por terra, pedaladas e caminhadas inclusas.

Visitei, aproximadamente, 70 cidades, e 7 comunidades.

Costumava ficar entre 2 e 4 dias em cada lugar. Porto Alegre [Brasil], Montevidéu [Uruguai], Uspallata, Buenos Aires [Argentina], Isla Negra, Arica [Chile], Boca del Rio, Cusco, Mâncora [Peru], Quito, Otavalo, Puyo, comunidade Shuar Tawasap' [Equador], Salento, Cali, Ecoaldeia Atlantida [Colômbia], Maracaibo, Valência, Parque Nacional Morrocoy [Venezuela], e Pirate's Bay [Trindade e Tobago], receberam mais dias, e alguns desses lugares, bis. São Paulo me abrigou quase 2 meses; Blumenau, 6; Santiago do Chile, 5; Medelim, 10.

Sem a enorme economia proporcionada pelas caronas, trabalhos temporários, acampamentos, camaradagens, hospedagens couchsurfers*, quartos coletivos de albergues**, e outras austeridades mais ou menos agradáveis, o dinheiro proveniente do meu carro vendido provavelmente teria acabado antes do quarto país.

Digamos que 70% dos gastos, roteiros e prazos foram planejados. O resto, contando com os imprevistos recheios

para o cardápio-mor [pão, granola, arroz e macarrão], e a incorporação de um peculiar espanhês, temperado principalmente com ingredientes chilenos e colombianos, foram improvisados no caminho.

∞

Numa biblioteca ou livraria razoável, este livro poderia ser achado na democrática e promíscua seção "Literatura de Viagem", ao lado de alguns dos milhares de relatos de viagens "ao redor do mundo", publicados por recordistas e milionários; ou talvez cercado de crônicas jornalísticas, ou manuais turísticos, sobre a Europa, Índia ou Machu Pichu. Entretanto, em recintos vigorosamente especializados nos assuntos aqui implicados [por exemplo, a viagem em seu sentido mais profundo e espiritual –– pouco ou nada moderno] poderíamos encontrá-lo em qualquer uma destas seções, eloquentemente didáticas: "Literatura Viajante da Geração Y"; "Nomadismo Transdisciplinar"; "Guias Exóticos e Versáteis para Mochileiros na América Latina"; "Antropofagia Neopaleolítica"; "Romance Falado"; "Livre Deriva Antropológica"; "Bardaria Contemporânea"; "Viagem como Iniciação"; "Autorretrospectiva Moral em Modo Nômade"; "Travessia Geoespiritual de Sabor Intimista"; "Escritores Potiguares Pós-cascudianos"; "Viagens Contemporâneas Offline"...

Uni a narrativa retrospectiva –– pós-estrada –– aos escritos redigidos em plena viagem. Em sintonia com o espírito nômade, sortido e fronteiriço da jornada, os capítulos fluem ao longo de diferentes caminhos da escrita e do espírito: filosofia, poesia, ciência, crônica, comédia... Como rios que banham e refrescam reinos, mas abraçam o oceano.

Enquanto viajava, não pretendia escrever um livro sobre a viagem. Minha escrita quase sempre atendia a exigências mais terapêuticas, intimistas e reflexivas, que noticiosas, proseadoras, relatoriais.

As cartas eletrônicas aqui expostas foram transcritas dos escritos originais, redigidos à mão, uma vez que os emails que derivaram deles contêm negligências e desvios incongruentes com os manuscritos. Inclusive, em respeito ao sagrado momento do parto, as datas que acompanham as cartas indicam quando foram redigidas, não quando foram enviadas. As correspondências errantes escritas originalmente em espanhol foram traduzidas por mim. Os trechos de cartas julgados inoportunos para o livro, ou que exibiam desnecessariamente a intimidade do autor, e/ou destinatários, foram prescindidos.

∞

Esta obra conta uma viagem que, de certa maneira, começou bem antes de 2008 e acabou bem depois de 2011. A conturbada e descontínua gestação de 11 anos [2010 a 2021][***] contribuiu muito para que "Nomadeia" se tornasse, em certa medida, uma autobiografia juvenil atraída e iluminada pelo sol da jornada latina. Escrevi para acertar as contas comigo, com minha família [da qual escondi meticulosamente meus verdadeiros métodos, objetivos, parceiros e paradeiros vagamundos[****], poupando-nos de dissonâncias e sofrimentos –– especialmente minha então adoentada mãe], e com tantos outros passageiros da minha, digamos, primeira juventude.

A propósito, dos preparativos ao fim da andança, confundir e enfeitiçar amigos, parentes e próximos, com simples ou engenhosas ficções, não era só uma maneira de

evitar encontros considerados inoportunos, senão uma *travel*ssura devota do grande sonho viageiro: a libertadora "Caravana" para a qual eu tentava atrair alguns amigos. Espalhar informações falsas, sincronicamente discrepantes, sobre meu cotidiano e localização [fabulações, aliás, ausentes nos emails reproduzidos neste livro], a fim de constatar os efeitos mais ou menos belos, previsíveis e engraçados disso, foi um hábito recorrente.

Mas minha mentira segredista extrapolava as razões utilitárias, lúdicas e poéticas, não raramente alimentando a pretensão donjuanesca de desaparecimento social. Abandonar as órbitas gregárias que me "escravizavam" ao passado e a Natal; evitar a mediocridade, ócio e controle das fotografias, vídeos, celulares, e redes cibernéticas; e despistar as pessoas dos meus verdadeiros rumos: requisitos cruciais para "apagar" minha "história pessoal". Nem os melhores amigos receberam relatos fiéis do retiro inaugural, no Vale do Itajaí. Segredo protegido com obsessão. No resto da romagem, o desinteresse em perseguir à risca a "liberdade" do "guerreiro" de Castaneda foi diretamente proporcional ao desejo de cultivar amizades, me comunicar com sinceridade, e eternizar diversas cenas com fotos.

Contrariando ainda mais Don Juan, esta história é realmente biográfica. Contudo, embora esforçadamente verídica, ela não é refém do integralismo confessional. Nesse sentido, sobretudo por respeito à privacidade das pessoas relembradas nas próximas páginas, a maioria dos "personagens" receberam nomes diferentes dos usados na chamada "vida real".

A inquieta e verdolenga espécime juvenil descansa sobre a mesa laboratorial, ao alcance do tribunal público. E por que me expus tão francamente, se podia ter seguido o aclamado

código literário mundial, embalado, inclusive, pela charmosa e prudente certeza de que os leitores me (des)encontrariam atrás de um personagem?: inquietou-se um bom amigo, preocupado com o fato de eu revelar, aqui, certos traços e estados de espírito que já não são tão meus. Ora, para que conjurei um passado que está longe de oferecer um modelo de conduta impecável –– e que há de servir de lenha para o bem e para o mal –– senão também para rir de mim mesmo, pescar com espelhos, e servir à saúde pública? A maldade e a ignorância nunca hesitaram em castigar e chantagear a franqueza. O tempo e a sabedoria sempre souberam recompensá-la.

∞

Esta história foi escrita para ser c@ntada, e c@ntada para ser escrita: suas vozes devem ser ouvidas.

Minhas pausas, ritmos, neologismos, intensidades, melodias e regras podem ser pressentidas; mas o guia publicado em meu site ajuda.

Bons dicionários e consultores também. Especialmente os especializados em expressões populares chilenas, colombianas e potiguares. A escassez de notas de tradução é uma homenagem à curiosidade e à união ibérica.

O réu se declara popularmente, musicalmente, oralmente, experimentalmente e soberanamente inocente de inúmeras e deliberadas incompatibilidades –– sobretudo pontuacionais –– com os "gramáticos" brasileiros.

O Espírito da Grande Viagem

8

1

O espírito da grande viagem é uma criança velha, paciente e trapaceira. Sua força só me possuiu de vez em 2007, quando eu tinha 20 e poucos anos, e me desesperava de cobiça, frustração e vontade de perfeição. A vida me parecia breve, brutal e maravilhosa demais para eu não querer morrer e nascer de novo a cada momento, em qualquer lugar. Enquanto me despedia da universidade, aprendia a amar a solidão.

Mas só uma coisa me fazia gargalhar e requebrar subitamente em pleno meio-dia ou na alta madrugada: preparar a "Saga Iniciática", o "Grande Rito de Passagem", a "Grande Viagem" sem data de volta. A longa peregrinação me pagaria a infância e juven-tudo que não pude viver. A grande jornada me conduziria ao destino prometido em sonhos, oráculos, visões. O diploma condenava: "Bacharel em Ciências Sociais". A vida ainda soletrava: missão desconhecida. "Ainda sou estudante da vida que eu quero dar": teimava Belchior, e McCandless botava pra quebrar.

Louvava a volúpia, o ócio criador, a grandeza. Abominava o medo, a desunidade, e os gaguejos livrescos. Amaldiçoava os que escrevem porque não podem viver, os que inventam porque não podem confessar. Decidi que vagar pelas terras me purgaria de vez as ilusões, o intelecto "universotário", as fraquezas da classe média, e minha ex-namorada.

Pressenti que minha geração natalina adoeceria de filhos, vícios, trabalho e casamento. Por sorte, berço de bronze e algumas pitadas de espírito, me via escapando das correntezas do mundo. De repente, meus amigos se tornavam professores,

funcionários, e lacaios de prostíbulos acadêmicos. A juventude murchava e o dinheiro vencia: blasfemei. O dever de trabalhar, o tédio profissional me aterrorizavam. Trabalho sem patrão, riqueza sem escravidão: as fórmulas da [$]ociologia me coroariam rei!

Venerava a "liberdade dos cometas", e a receitava a amigos e amantes. O nomadílio revelaria minha missão, meu "caminho com coração". Ah, como me veria melhor de longe!: mestres, índios, lições, florestas, prazeres, mistérios, fronteiras, montanhas, montanhas, montanhas! À distância, delirava, tudo poderia ser visto, a jornada me confiaria as fórmulas dos tempos, as chaves da existência, e eu regressaria velho, frio e sábio como não pôde Rimbaud, ou me tornaria uma lenda dos mares, para sempre distante da própria origem.

A "velha cidade" é pequena demais para nós dois: minha juventude jurou à Imensidão. Me via terrivelmente atrasado. Sede de Vastidão. Estava maduro para cair longe, muito longe da árvore de Natal.

"Minha cura será partilhada!".

2

Os deuses da estrada conhecem todas as trapaças, e enrolam até o djabo. Mas os mais gentis costumam treinar dignamente os neófitos, antes de arremessá-los à prova de fogo.

Naqueles anos ferozes, eu, Carlos Coiote e Paulo Etcetera pegávamos caronas para cidades e estados próximos, e conversávamos sobre sair viajando por aí para "dominar o mundo" ou "subir até o México". Embora Félix Bandino estivesse no auge de sua adolescência vadia, seus escritos me trouxessem novas esperanças, e nossas conversas fossem inspiradoras,

divertidamente sarcásticas e nonsensemente poéticas o bastante para que nossos emails soassem como cartas de um futuro livro sobre nossa amizade sonhosa e errante [parida de repente num eufórico ping-pong], e para pretendermos viajar juntos algum dia, o "bom rato" [como eu batizei] não era adepto do tipo de perambulagem mais punk, dura e perigosa que unia eu, Carlos e Paulo. Ao contrário de nós, o lance dele era mais Europa, literatura e aviões, não América, política e caronas.

Carlos tinha boa experiência em cruzar estados de carona, e me ensinou os primeiros truques de como "pegar BR" [como os anarcopunks chamavam suas viagens de carona pelo Brasil] para estados vizinhos. Éramos bons amigos, sua sede de revolta e festa me impressionava, e no fundo dos seus excessos eu via dor e demência, mas também uma tremenda vontade de viver. Só Carlos ia até os confins da noite sem parar de zombar, pensar, tramar, reclamar, e querer mais e mais doses de prazer e esquecimento. Eu sabia que sem ele minha odisseia vagabunda não seria suficientemente alegre e insensata. Ninguém mais encarnava o grande coiote malandro, obstinado e inconsequente.

Nos conhecemos aos meus 15 ou 16 anos, por intermédio de um exótico conhecido em comum chamado Albert Einstein, nos frenéticos círculos roqueiros do Natal Shopping. Tudo que eu queria era meninas, vinho, livros, rock-and-roll, gemer à la Vedder em "Black", e encontrar os lendários anarcopunks da cidade. Carlos Coiote, que era um camicase anarquista alto, pálido, magrelo, tagarela, encrenqueiro, e alguns anos mais velho, prontamente me ajudou a encontrar seu bando.

Ele trabalhava entregando panfletos, e costumava dormir na rua e em casas de amigos desde que foi expulso de casa e abandonou o colégio católico de classe média. Um alcoólatra

3

Desde o segundo semestre de 2007, a decisão de viajar com o dinheiro da venda do meu carro [presente familiar recebido no começo dos estudos acadêmicos] se tornou uma opção financeira ainda mais interessante: os benditos ladrões o golpearam e pisaram tanto, que a seguradora foi obrigada a me dar outro fiesta. Sim, uma nova *fiesta* estava começando, e a sorte me enviava os primeiros cumprimentos de boa viagem: vendi o novo carro por mais ou menos o dobro do valor que ganharia com o antigo.

Minha bússola apontava sem tremer para a América do Sul, que parecia mais próxima, barata, urgente e *hermana* que Europa e África.

Mas antes de cair de corpo e alma na estrada aberta e solitária, precisava de um bom retiro para me purgar, trocar as penas, e me amolar direito. Por meses procurei minuciosamente a cidade que abrigaria melhor minhas exigências de paz, saúde, beleza, renovação, autonomia locomotiva, silêncio, isolamento, e proximidade com a América Platina, por onde eu pretendia sair do Brasil. Encontrar a cidade brasileira ideal para aprofundar vivências e projetos de estudo científico-filosóficos, marciais, literários e (por assim dizer) místicos, foi bem mais difícil que renunciar à entediante e torturante miséria espiritual vislumbrada nos "labirintos acadêmicos". Ao final do longo filtro que incluía dezenas de metrópoles, cidades e vilas do centro-oeste, sudeste e sul do Brasil, escolhi Blumenau, em Santa Catarina. Ao contrário das demais, essa cidade desconhecida havia entrado na lista de forma enigmática. Durante uma "visualização" sugerida por

meu amigo xamã Guaraci Katu, montei e voei nas costas de uma imensa águia. De repente, uma voz interior que parecia não ser a minha, não partir de mim, ecoou com veemência: "Blumenau". Na visão, a águia voava sobre um desconhecido vale verdoso com muitos rios. Paisagem similar à que eu presenciaria meses depois, no alto do Pico Spitzkopf, perto de Blumenau.

Nessa cidade próspera, esperava encontrar quatro estações definidas, um centro pequeno e elegante –– ao alcance da bicicleta –– um renomado professor de *budo taijutsu* (mais conhecido como ninjutsu) urbanidade bem-sucedida, provincianismo bucólico, biblioteca pública adequada às minhas necessidades, e picos ainda mais altos. Desde o começo, o retiro em Santa Catarina é protegido (principalmente da família) pela farsa de que lá eu iria cursar um mestrado de sociologia na Universidade Regional de Blumenau [FURB].

Durante a fase de extenuantes pesquisas wébicas em busca da melhor cidade para me exilar, toda aquela brincadeira mochileira de sair por aí e depois "se encontrar em algum lugar" começou pra valer: Carlos Coiote se manda de carona pelo litoral nordestino. Quanto a mim, ainda tinha algumas tramas e despedidas a viver.

O adeus mais difícil foi para Natasha: esfinge loira de olhos verde-dejavu, e rosto de sonho esquecido ou vida passada. Nos miramos por alguns segundos enquanto eu saía de uma festa no Carnaval de 2008. Seu olhar me paralisou de longe. Mistério à primeira vista. Procurei pistas dela pela cidade, perdidamente apaixonado por uma desconhecida insolitamente próxima, íntima. Depois de meses de investigação, sortilégios quânticos, e jogos divinatórios solitários, consegui reencontrá-la. Mas jamais marquei um encontro, nem segui a sugestão dela de tomarmos um suco qualquer dia. Desde o

princípio, ela não parecia tão seduzida e maravilhada quanto eu, e isso abalou profundamente meu orgulho e esperança de alta sintonia. Além disso, temi que um possível romance pudesse comprometer minha paz e data de partida. Quando a viagem é teu sol, quanto tua liberdade te exila, até uma promessa de amor é um buraco negro onde não se pode entrar sem ser destruído, desviado, ou (especulam os cientistas) transformado em holograma. Ai covardia corajosa!: conquistar Natasha, ou a América?

Não beijá-la era abraçar o continente. Não decifrá--la, mergulhar na Imensidão. Enquanto pressentia –– ou decidia –– que a Menina Buco Nero não era pra mim, pedi a viagem em casamento. Natasha foi meu maior sacrifício aos deuses peregrinos.

As outras despedidas foram menos estranhas. Celebrei minha programada partida com Carlos, que continuava avançando pelas BRs do país:

"Natal, maio de 2008
Carlos Coiote

> Meu querido Coiote, único amigo nas horas dos grandes riscos! Em meus sonhos, apostamos todas as cartas, e vivemos a grande vida! Piratas soberbos sonham cidades na Madrugália, com bússolas perfumadas! Prepare suas poesias e junte dinheiro!
> *Carpe diem*.".

Rômulo Angélico, meu amigo ocultista e médium, sentiu o espírito de um chinês me acompanhando, e assegurou que meus sonhos me preparavam para uma viagem de maturação espiritual. Dentro da mata atlântica, Guaraci Katu me ofertou

um cachimbo fulni-ô, canções de poder, artefatos espirituais, e um nome iniciático em tupi: "Urubu Tairaju" [algo como "querido amigo do urubu", segundo a epifania ou investigação do pajé potiguar], pelo qual às vezes preferi ser chamado durante a viagem. A tristeza no abraço de Denis me comoveu, e a chuva parecia homenagear nossa bela e dramática amizade grunge. Abracei as dunas de Cidade Satélite com Binho e Gambá. Maisy disse que eu estava "fugindo de alguma coisa", e apenas sorri, lembrando a ela que "Os pássaros migram". Caim me deu um dvd com clips de Bjork e uma animadora carta de despedida, celebrando tudo que ainda iríamos aprender na vida. Tieme disse que eu partiria como Tristan Ludlow, nosso comovente herói. Samira Icebbit, Marujo, Andressa, Tibério, Vani, Tony Bordeli, Igor da Matta, João Brisa Louca, Pinus Volupta, Heloisa, Enna e Madame Du, estavam por perto, enquanto o longo toró me lavava da velha cidade. "Ei, não se esqueça da gente não, viu?": exigiu Lobo Doido. "O que é forte dura": prometi.

"Cuidado meu filho": o velho mantra maternal.

Saudei parentes, xodós e amigos, disposto a não esquecer de ninguém que já não soasse distante demais.

Mas minha memória me traiu, e a vida me aplicou um dramático corretivo aos 44 do segundo tempo da grande final: Judite Polýploko e sua brancura ansiosa e culta de olhos agitados, gargalhadas libertinas e queixo fino (como uma delicada e viril musa de mangá) me esperavam sem saber no saguão do aeroporto [a justiça da vida cinematograficamente cumprida?]. A abracei enquanto caminhávamos e agarrei sua mão com força ao lado do avião que a levaria, com a esperança de confessá-la em silêncio que de alguma maneira a amava, e que lamentava por tê-la abandonado de forma mesquinha, anos atrás.

Finalmente deixava a cidade rumo à sonhada "Europa brasileira", vencendo a maior partida dos meus 24 anos; e no último minuto, um devastador cartão vermelho me manda para o vestiário. Era 7 de agosto de 2008, quando eu e Judite embarcamos ao mesmo tempo em voos diferentes: ela, para um promissor futuro acadêmico em Minas Gerais; eu, para me tornar o vagabundo mais metódico e feliz de Santa Catarina.

Sim, foi uma época mágica, confusa e cruel. Mas a perfeição do sete e o duplo infinito dos oitos me prometiam dias melhores.

1

Meu pai e irmã insistiram fraternalmente em viajar comigo, e perambulamos juntos alguns dias pela fria e neblinosa Blumenau e arredores. Além de curtir picanha, cervejas, paisagens e o Beto Carreiro World, os dois me ajudaram a encontrar quitinetes para alugar. O melhor estava no bairro Velha e tinha móveis razoáveis, fogão, geladeira, chuveiro quente, e uma inspiradora vista das serras verde-escuras, típicas da região.

A antiga vida parecia ter ficado para trás no exato instante em que dei as costas para o ônibus que levava meus acompanhantes ao aeroporto. Pela primeira vez voltei para casa com a certeza de que ninguém me esperava lá, deslumbrado por me sentir comprometido apenas comigo mesmo. Pela primeira vez teria que pagar todas as contas com meu próprio dinheiro, e cuidar da minha própria casa. Louvei "Into The Wild" com Eddie Vedder, lacrimejando que os dias de juventanta finalmente me pertenciam, e que meu amado retiro nascia das mais puras loucura disciplinada e honestidade indecente, e então cantei, falei só, gargalhei e dancei bêbado como um herói autista exilado num paraíso secreto.

Eu tinha um nome, e esse nome me tinha. Queriam que Wagner ficasse. Mas precisava me livrar de mim. Desejava que todos me apagassem da "vida real" e me (a)guardassem em seus melhores sonhos. Desaparecer para o Outro era reaparecer para Si. Nos meses seguintes, evitaria o contato com quase todos os parentes e amigos. Eu tinha medo de envelhecer, um pequeno televisor, um telefone fixo, uma colcha felpuda com ideogramas japoneses, um gorro cinza com longas abas, uns quinze livros, e uma revolução anônima a fazer.

Apesar da comida cara, da lamentável escassez de saladas, das pichações, dos ônibus-moedeiros gigantes rejeitando minhas moedas, da catinga acre e fecal pairando sobre as calçadas [distinguir as merdas humana, felina e canina nem sempre é fácil –– especialmente quando a carne é o prato principal dos três mamíferos dominantes do ecossistema], dos milhares de pedestres desesperados, e das ombradas bestiais nas ruas do Centro

[Em Egos Aires, aquela clássica piada sobre o egocentrismo argentino ["Como se suicida um argentino?: sobe no ego e pula!"] não parece tão injusta quando você percebe que muitos pedestres portenhos preferem roçar e golpear os outros, do que abrir ou compartilhar caminho. O ego desses *boludos* é imenso e musculoso demais para permitir que caminhem dignamente de encontro a alguém numa mesma calçada. Provavelmente se trata de um comportamento territorialista que transcende as crescentes impaciência e lerdeza citadinas. Isso ainda era novo e insuportável para mim, e depois de uma colisão desconcertante, começo a me preparar para receber e devolver as pancadas].

...Sim, apesar de tudo isso, *los aires* lá fora geralmente animavam: parques acolhedores e refrescantes; belos jacarandás de outono, peludos ou pelados; *calles* cinzentas e empasteladas cheirando a séculos de velhice encardida, embalsamada por perfumes e carne assada; San Telmo sempre fervendo em bares, feiras, albergues, antiquários e aglomerados de mochileiros chegando e saindo [overdoses de carne, corpo e sexo]; cafés sofisticados, e deliciosas *empanadas de piña*; roseiras nas sacadas italianas, e os dentes europeus da História me sorrindo esplendorosamente em janelas, postes, prédios e monumentos; *"Loco-Loco-Loco-Loco-Loco...";* chineses discretos em seus mercadinhos baratos, ou me espreitando pelas ruas

soturnas do bairro chinês, onde Jim me pagou um autêntico jantar sínico, e me contou como foi viver no Oriente comendo cobras e vendendo pedras preciosas; a contagiante mágoa dos malvinistas e das *madres* sem filhos, no palco político da Plaza de Mayo; *milanesas*, *milanesas*, *milanesas...*; o corte ou boi superior do louvável bife argentino; a fragilidade do meu corpo caoscircuitado pairando no grandioso vácuo da 9 de Julio; *"Che-Che-Che-Che-Che..."*; *"No passa nada!"*; a pujante virilidade italiana trotando firme e orgulhosa; a constrangedora caminhada com Jim chapado me falando sobre o sentido da vida [*"Wagner, you're a philosopher prince!"*] e sua liberdade de andar de pés descalços, porque assim se sente livre –– e que se reassem seus pés e o mundo! ––; o *rico* leite portenho!; *"Yo-Yo-Yo-Yo-Yo-Yo-Yo..."* ["Xô-Xô-Xô..."]; tantos hippies, artistas, comércios, tangos vorazes e apertadíssimos!, e todo o glamour chique-vagabundo da passarela jugular Calle Florida; onde, como combinado, encontro um couchsurfer brasileiro [vendendo suas fotos de viagem] que procura dicas ou companhia para pegar carona pela Argentina.

O tal Benjamim Butu é um careca amigável que virou garçom em "Bois nos Ares" [dizia, com aquela intimidade carinhosa que o tempo dá] depois de brigar com a namorada num passeio pelo sul da Bolívia ou norte da Argentina, e começar a zanzar por aí com alguma grana guardada à procura de paz, trabalho ou apenas diversão. Um engenheiro sossegado, roqueiro e solidário. Um fumante moderado com alma de fotógrafo, sangue italiano, rastros bem pisados de caipira matogrossense *buena onda,* e inconfundíveis trejeitos de classe média liberal forjados há não muito tempo na selva paulistana. Imediatamente capto que ele parece solto e perdido como eu, e entramos em ação como uma verdadeira equipe, acertando os detalhes da nossa iminente partida.

Mas não antes de eu convencê-lo de que nosso caminho até Santiago do Chile precisava incluir uma rápida passagem por Córdoba [lá me aguardavam Carlos Coiote e sua promessa de uma cidade universitária repleta de jovens donzelas propensas ao sexo casual com bandoleiros brasileiros]; tabelarmos o eterno e insolúvel ping-pong Pelé-Maradona com um bêbado portenho [ocasião em que ingresso no seleto clube dos pouquíssimos brasileiros que admitiram em plena Boludolândia uma verdade futebolística fundamental: embora em certos aspectos Maradona possa ser considerado tão craque quanto Pelé, ao contrário do negão, *El Pibe* era sincero, desmantelado e esquerdista demais para agradar os donos da bola]; virarmos cervejas baratas em San Telmo; e tentarmos conhecer melhor *las muchachas*: prioridade que me leva a ver o dia amanhecendo sentado no banco de um lindo parque em Villa Crespo, *mientras* uma bailarina de genes turcos ainda fresquíssimos dorme sobre minhas pernas frias, e também a caminhar de Almagro a San Telmo, depois de conhecer três viajantes de Barcelona no meio da rua [*"Hummm...brasileño!"*], e minutos depois cair de paraquedas com elas nas penumbróticas salsas da Rua Gallo 333, completamente bêbado e dando em cima de Lorena: a única realmente exótica do trio, com seu belo buço alongado e olhar misterioso.

A espanhola queria apenas *"bailar con las amigas"*, mas me deu um beijo e uma promissora sequência de dígitos.

"Buenos Aires, 30 de março de 2009

João Brisa Louca

Ir ao Pantanal não é má ideia. Se temos alguma pressa, é melhor que você venha mesmo em junho.

> Tenho pensado que artesanato não é um caminho proveitoso. Observo os artesãos, e parecem não comer direito. Além disso, seríamos neófitos; e neófitos concorrem com artesãos muito melhores. Tenho pensado em vender pets: tecidos pequenos para costurar ou colar na roupa. Como os que os punks usam. Mas não seria um lance punk. São objetos leves, e aposto que podemos vender bem.
>
> Estou lhe dizendo que, a menos que você curta bastante artesanato, é melhor investirmos nossas vidas em outra coisa, se queremos conseguir grana e comer ao menos duas vezes por dia quando estivermos viajando juntos. Sugiro que você pense seriamente a respeito das suas habilidades. O que podemos fazer juntos para ganhar o máximo que pudermos? Nada de esmolas.
>
> Há um bando pretendendo comprar uma kombi e seguir até o México. Temos grana guardada, e mais ou menos em junho nos encontraremos aqui, na América do Sul. É uma possibilidade que não depende só de mim. Em todo caso, não se preocupe: seu lugar está guardado, estejam meus pés pisando num carro, numa cidade, num deserto, ou numa montanha. Você é meu convidado de honra.
>
> As festas aqui nunca acabam. Mulheres: meu problema; minha solução. Estive com uma dançarina de tango que dança nos metrôs, e sonha em provocar as ruas com uma *"nueva música"*. Há pouco conheci uma espanhola que nasceu no mesmo dia que eu. Se parece com a Menina Buco Nero: olhos verde-selvagem. Espero revê-los antes de partir.".

A América era mesmo um grande sonho incerto e escancarado, apimentado pela fofura céltico-catalã de Lorena. Mas diante da agradável melodia estranhamente meio portuguesa do espanhol dela, e daqueles olhos imprecisos e maliciosos reencontrados numa praça boêmia de San Telmo e nas escadarias monumentais de uma universidade, começo a alimentar a desastrosa impressão de que ela quer ser sobretudo minha amiga. A despeito disso, nos beijamos entre a parada de ônibus e o elevador antigo e charmoso que me leva ao apartamento dela,

"Maracaibo, 20 de janeiro de 2010
Mikro

> Bem, Maracaibo é quente como o sétimo inferno. Minha sorte é que meu anfitrião couch dispõe de ar-condicionado na casa e no carro.
>
> Os venezuelanos são agitados, muito emotivos, e falam de modo seco, bruto, e "atropelando" sílabas e palavras. Nisso, lembram os portenhos, e, muito mais!, os nordestinos brasileiros.
>
> *Carajo*, essa cidade é um deserto de cimento! Os únicos interesses que me ligam a ela são esperar Butu, fazer planos, e desfrutar das gentilezas do meu anfitrião.".

Jaime Luis era um universitário classe mediano e festeiro que morava num confortável condomínio fechado. Toda noite me levava a um bar, lanchonete ou passeio diferente. O estilo e duração do meu itinerário o impressionavam mais do que de costume, e quando, atendendo seus pedidos, eu ofertava pequenas doses do que havia feito e visto de mais louco e deslumbrante pelo caminho, ele me olhava fixo com sua cara redonda e wesleysafadãonica, arregalando os grandes olhos caramelados, e dizia: *"Que coraje!"*; ou *"Vergación!"* ["Que loucura!"; "Que galadagem!"].

A prudência não era a virtude mais evidente em Jaimito: uma tarde ele quase nos aleijou ou matou, ao cruzar um sinal fechado por distração. Outra noite, se meus neurônios ar-rum--inados não embaralharam demais as coisas, numa festa juvenil num povoado de pescadores, em meio a um acampamento coletivo na quimérica e dunosa Isla de Zapara (((das ondinhas baixas e tranquilas))) quando dançávamos uma *gaita zuliana* cantada e gritada por qualquer bêbado do público, geralmente um gordo de boné, bigodinho e camisa entreaberta, aos mais ou menos 6/8 das guitarras e-*maraca*-das e *zambomba*-das numa

frequência enlouquecedora, Jaime Luis resolveu cortejar a namorada ou parceira de dança de alguém, e a galera teve que pacificar urgentemente os ânimos desse rapaz, e de outro cabra brabo que era amigo ou parente dos nativos: pescadores que, por exemplo, costumavam matar quem roubava na ilha. Felizmente as mãos se apertaram, a barra pesada se dissipou, e as canções seguintes nos ajudaram a esquecer nossas mágoas e sobrenomes.

Ainda assim, como se o cabaré noturno não tivesse sobrepassado a taxa de putaria do verão inteiro, na manhã seguinte, na borda da ilha dos lendários tesouros bucaneiros, quando continuávamos a farrear, Jaime tentou socar um amigo que tentou apaziguar o pandemônio da noite anterior e lhe havia dado um duro sermão sobre querer brigar com a pessoa errada, no lugar errado, e da maneira errada. Meu anfitrião acabou apanhando feio e desmaiando no primeiro round, e caindo em cima do retrovisor de uma moto, no segundo round, de volta a Maracaibo.

Quando você quer mesmo subir no ring, meu rapaz: jamais faltarão oponentes.

Dias depois, reencontrei Butu –– mais magro e sorridente –– na caótica rodoviária de Maracaibo. Nos mandamos sem piedade e gloriosamente para Maracay, que embora tivesse um terminal de ônibus razoável, de maneira geral parecia mais feia e insegura que sua prima mais velha, e com uma sílaba a mais

[Bem, parece que *"bo"* significa "vontade" em esloveno; e de fato era isso que nos mantinha esperançosos ao longo de cidades decepcionantemente afastadas do Mar do Caribe –– que no fundo prometia plasmar minha obsessão de encontrar meu Ser, inclusive porque, curiosamente, *"caraíba"*

Temporada com os Índios Kantuar-Shuar

ホ

Prelúdio

Nos últimos dias de 2010, eu e Mikro nos dirigimos à Amazônia Equatoriana, com o objetivo de morar com os Kantuash-Shuar da comunidade Tawasap': povo instalado na área florestal que denomina de Yawints'. Depois de algumas tramas colaterais em Quito e na região amazônica equatoriana, ficamos quase um mês com esses indígenas, interessados em compreender sua filosofia guerreira, e provar a planta de poder *"nateem"* (ou *natem*)[7]. Tivemos como mestre cotidiano o mensageiro do grupo: Tzama, respeitado curandeiro, guerreiro, e delegado político local.

Dos primeiros contatos eletrônicos com a comunidade Tawasap' [expressão nativa que faz referência à colorida coroa de plumas usada pelos chefes comunitários], ao fim do meu convívio com ela, evitei anunciar minha formação acadêmica em "antropologia social", hesitante ou desinteressado em exercer o ofício de etnólogo à época, e além disso, receoso de estimular desnecessariamente expectativas ruins em meus anfitriões, aparentemente desconfiados demais dos *"indiólogos"*. Não por acaso, em Yawints' acabei atuando mais como aprendiz que como estudioso. Fui até lá para aprender com os Shuar; não para estudá-los. Um projeto muito mais antropofágico que propriamente "antropológico", portanto. Procurar conviver espontaneamente com uma linhagem indígena que resistiu às ameaças diretas ou indiretas de etnocídio e genocídio de três dos impérios mais implacáveis que o planeta conheceu [Espanha, Estados Unidos e império inca] me pareceu mais urgente e valioso que fazer um estudo sociológico ou etnológico mais aprofundado e metódico da comunidade. As anotações cotidianas *in loco* foram fortuitas e fragmentárias. Não quis desperdiçar minha breve

passagem pela aldeia praticando etnografia ostensiva. A ideia de ser iniciado na sabedoria guerreira nativa me absorveu o bastante para esmorecer qualquer plano de estudo meticuloso de parentesco, língua, economia, mitologia, cotidiano, população, organização política, e estrutura administrativa. Aliás, boa parte das conversas e vivências cotidianas não ligadas diretamente à Tzama, à moral guerreira shuar, e ao *nateem*, não são mencionadas neste capítulo.

As ensaísticas e muitas vezes embrionárias incursões analíticas, motivadas pelo convívio com os Shuar, nasceram anos depois, como efeitos colaterais da visita de 2011. Afinal, se a sensibilidade antropológica, por assim dizer, não é uma carapaça sináptica ou roupa espiritual que se pode botar e tirar voluntariamente, mas o resultado de anos de treinamento e estudos mais ou menos úteis e agradáveis, por que não aderir à tentação pós-amazônica de praticar passeios cognitivos de inspiração shuar?

Antecedentes

A partir de julho de 2010, ciente de que a validade do recém-adquirido visto de estudante estrangeiro não passaria do fim do ano, desanimado para enfrentar outra maratona burocrática em Bogotá [para renová-lo ou arrumar outro tipo de visto], com saudade do Brasil, do Atlântico Potiguar, e da velha cidade, decidi voltar. Voaria para São Paulo em fevereiro de 2011. Reencontrar Brisa Louca, Benjamim Butu e Ernesto Bagal, procurar algum trabalho temporário divertido, e me preparar para voltar a Natal, tudo isso na lendária metrópole das grandes loucuras e modernices, me tranquilizava e excitava.